



TRAJETÓRIAS DE GOYA LOPES E RENATA RUBIM: METODOLOGIA EM PRÁTICAS DE DESIGN DIVERSAS

*Goya Lopes and Renata Rubim trajectories:
methodology in different design practices*

Bonifácio, Bruna Carmona; Mestranda; Universidade Federal do Paraná,
bruna.c.bonifacio@gmail.com¹
Corrêa, Ronaldo de Oliveira; Dr; Universidade Federal do Paraná,
rcorrea@ufpr.br²

Resumo: Este texto descreve o processo de pesquisa sobre as práticas de trabalho das designers de superfície Goya Lopes e Renata Rubim. A investigação para (re)construir essas histórias apoiou-se em documentos de acervos pessoais e públicos e entrevistas ao modo da História Oral. Ao apresentar trajetórias das interlocutoras, foi possível entender suas diferentes estratégias e refletir sobre a historiografia do design brasileiro.

Palavras chave: Cultura Material; Design de Superfície; História do Design.

Abstract: This text describes the research process on the work practices of the surface designers Goya Lopes and Renata Rubim. The research to (re)construct these histories was based on personal and public collections documents and interviews with Oral History. By presenting the trajectories of the interlocutors, it was possible to understand their different strategies and reflect about the historiography of Brazilian design.

Keywords: Material Culture; Surface Design; History of Design.

Introdução

Este artigo descreve e documenta o processo de pesquisa sobre as trajetórias de trabalho de Goya Lopes e Renata Rubim no design de superfície, área caracterizada por sua interdisciplinaridade e relação próxima com o design de moda. Protagonistas e atuantes em projetos relacionados ao design de superfície há cerca de trinta anos, envolvidas com criação e produção de seus

¹Graduada em Design pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Design (UFPR).

² Mestre pelo PPGTE/UTFPR (2003), Doutor pelo PPGICH/UFSC (2008) e Pós-doutorado no PPGAS/UFRGS (2012-2013). É professor no Departamento de Design da UFPR, do Programa de Pós-Graduação em Design na mesma instituição e professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR.





artefatos, são nomes recorrentes em livros, publicações e pesquisas sobre o design no Brasil. Também são vencedoras de prêmios e ministrantes de palestras e cursos sobre o tema³.

Tem-se como objetivo apresentar modos de investigar e (re)construir práticas de trabalho dessas designers brasileiras. A natureza da pesquisa é qualitativa e descritiva. Para sua realização, foi feito estudo exploratório, com levantamento documental de projetos disponíveis online nos sites e redes sociais de suas empresas, levantamento bibliográfico, seguidos de pesquisa empírica, coleta de documentos e entrevistas semiestruturadas com as interlocutoras apoiadas na História Oral.

A análise é descritiva, tendo como fio condutor as narrativas de Goya Lopes e Renata Rubim. Ao buscar narrativas de quem vivenciou as experiências, pode-se configurar um registro histórico diferente do cânone na historiografia do design e ter acesso a dados relevantes que não se conseguiria de outra forma.

Por referenciais filia-se a autoras e autores que entendem o design como atividade de criação, projeto e produção. Ao modo de Forty (2007), com perspectiva mais ampla, importa refletir sobre as pessoas, que fazem, consomem e usam, importa considerar a relação entre elas e os objetos. Em diálogo com esse modo estão autoras e autores da cultura material, que segundo Miller (2013) é uma área na qual a investigação e análise sobre as práticas cotidianas se dá a partir de artefatos. Aqui tem-se a intenção de investigar o design como práticas de cultura material inseridas em contextos sócio-culturais.

³ Goya Lopes. Livros: Borges, Adélia. Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira, 1996; Design na Bahia, da Associação Bahia Design, 2002; Castro, Sonia. Design e Comunicação Visual na Bahia, 2004; Bueno, Ricardo. Alma Brasileira, ed. 2013 e 2015; Rüttschilling, Evelise Anicet. Design de Superfície. Ed. UFRGS. 2008. Pesquisas: Rodrigues, Sylvia. Referências Étnicas Africanas na Moda Brasileira Contemporânea em duas leituras: Goya Lopes e Walter Rodrigues. UNESP, SP. 2012; Trindade, Claudia Regina da Silva. Goya Lopes, a contadora de histórias: arte, moda, desenho e design como lugares de memória. UEFS, BA. 2013. Publicações: Goya Lopes, a contadora de histórias: arte, moda, desenho e design como lugares de memória. Mestrado de Claudia Regina da Silva Trindade na Universidade Estadual de Feira de Santana, BA. 2013. Prêmios: Design Museu da Casa Brasileira, 1993. Renata Rubim. Livros: Rüttschilling, Evelise Anicet. Design de Superfície. Ed. UFRGS. 2008; Bueno, Ricardo. Alma Brasileira, ed. 2010, 2013 e 2015. Prêmios: Bornancini 2008; Idea/Brasil, 2009; Design Excellence Brazil, 2011; IF Product Design Award 2012 e 2014.



Goya Lopes e Renata Rubim: breve apresentação

Maria Auxiliadora dos Santos Goya Lopes, nascida em Salvador em 1954. Define-se, em seu site "Goya Lopes Design Brasileiro", como mulher, negra, baiana, empresária, artista e designer. Formada em Artes Plásticas na Universidade Federal da Bahia (1976), iniciou estudos no curso de História da Universidade Católica de Salvador, graças ao interesse em sua ancestralidade africana. Estudou design em sua especialização em Museologia, Expressão e Comunicação Visual na *Università Internazionale Dell'Arte di Firenze* (1979), momento no qual teve seu primeiro contato com estamparia em tecido.

Os projetos que disponibiliza online são peças têxteis estampadas: cortes de tecidos, lenços, regatas, torços, turbantes, vestidos, sacolas, batas, capas de almofadas, camisetas, saias, blusas shorts, calças e bolsas.

Renata Rubim, nascida no Rio de Janeiro em 1948. Define-se como designer de superfície. Formada em um curso livre de design do IADÊ - Instituto de Artes e Decoração em São Paulo, se sentiu capacitada para iniciar o trabalho na área, não tendo aspiração de entrar em uma faculdade.

A partir do convite para dirigir uma empresa de tecelagem e marcenaria, pôde construir currículo de atuação profissional. E assim, cumprir requisitos para obter a Bolsa *Fulbright* da *Rhode Island School of Design*, nos Estados Unidos, ofertada para pessoas que não necessariamente tem formação acadêmica superior. Nessa oportunidade teve seu primeiro contato educacional com a definição de práticas e a metodologia de criação em design de superfície no departamento de *surface design*.

Os projetos que disponibiliza online são para superfícies: têxteis (tapetes, malhas, roupas de cama, vestuário, móveis, calçados, bolsas, almofadas, jogos americanos, papel de parede); papeis (papelaria, agenda, canetas); cerâmicas; polímeros (estojos, utensílios domésticos, vasos); cimentícias (revestimentos





externos); vidro e laminados (móveis); e metais (jóias).

Procedimentos Metodológicos

Este item contém detalhes da pesquisa, o caminho percorrido, técnicas para coleta de dados e organização dos mesmos. Toma-se como referência os trabalhos de Corrêa (2008), Pereira (2014), Tessari (2014), Müller (2016), Bergmann (2016) e Fabris (2017). O estudo tem caráter exploratório, por tratar do aprimoramento de ideias e possibilitar “maior familiaridade com o tema”, partindo de fontes primárias (GIL, 2002). Com o propósito de investigar e compreender o tema como um processo social.

Iniciou-se com levantamento bibliográfico, seguido de documental em arquivos pessoais e públicos, e pesquisa empírica com visitas e entrevistas. Os procedimentos ocorrem em etapas não-lineares, entre as quais há um fluxo de informações. A fundamentação teórica foi feita simultaneamente em todas elas.

Com base no método da História Oral, no qual, segundo Alberti (2004, p.30) a seguinte pergunta é pertinente: “O que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele ocupava (ocupa) no contexto histórico e cultural dado?”. Para Meihy (2005), o método é um processo para estudar a vida social, por meio da oralidade de colaboradores(as), entendidos como coautores(as) da escrita de memórias ocultas.

Esta pesquisa, recorre à pesquisa documental, pois busca-se informações em documentos que não receberam tratamento científico prévio, como reportagens de jornais, matérias de revistas, gravações, fotografias, entre outros. Aos modos de Corrêa (2017, p.2), utiliza-se esse tipo de fonte por compreender “que esse material permite acessar a versões da narrativa biográfica que se dão na justaposição de diversos fragmentos que a designer (re)formula em tempos e espaços, situações de enunciação e com propósito específicos”.





Levantamento Exploratório

As estratégias elaboradas para executar esta pesquisa iniciaram-se ainda em Curitiba, com dois procedimentos simultâneos: o levantamento exploratório nos arquivos online de Goya Lopes e Renata Rubim e o contato via e-mail com as designers para a realização de entrevistas.

O objetivo do levantamento era identificar relevos em suas trajetórias, cronologias de seus projetos e superfícies escolhidas pelas designers, buscando questões de trabalho e acesso. Esse procedimento permitiu maior aproximação com o tema, preparação para o campo e aprimoramento do problema de pesquisa do mestrado em andamento, do qual o conteúdo deste artigo faz parte.

Fotografias, anúncios e vídeos disponibilizados pelas designers em sites e páginas de suas empresas “Goya Lopes Design Brasileiro” e “Renata Rubim Design e Cores” no facebook, instagram e pinterest; livros publicados por elas, livros que possuem entrevistas e citações, ou realizados em parceria com elas; diferentes textos sobre as designers e produções audiovisuais com suas falas formam o conjunto de fontes consultadas antes da realização das entrevistas.

O mapeamento permitiu observar os conjuntos de artefatos existentes, como são organizados e apresentados virtualmente aos consumidores(as), as maneiras que as designers sistematizam as informações sobre os projetos, bem como as tipologias de artefatos produzidas e divulgadas por elas nesses locais.

Cada imagem coletada no meio virtual corresponde a um documento, e ao modo de Tessari (2014), o procedimento de sistematização se deu ao renomeá-las, com o objetivo de facilitar a localização nos arquivos da pesquisa e permitir a identificação rápida de informações relevantes. As tipologias dos dados foram definidas nas categorias: textos, fotografias, vídeos, catálogos, entrevistas e anúncios.

A renomeação foi feita de forma específica para cada situação, seguindo





a estrutura: siglas da fonte, da coleção a qual pertence, do cliente ou empresa parceira, ano de produção, tipologia da imagem e tipologia do artefato. Para aqueles coletados nos site e redes sociais de “Renata Rubim Design e Cores” se mostrou eficaz. Enquanto nos de “Goya Lopes Design Brasileiro”, fez-se necessário alterar a questão do cliente ou empresa, visto que a maioria dos dados disponibilizados pela designer eram feitos por sua empresa sem parcerias. Adicionou-se também o mês e ano da produção pois as imagens mais antigas datavam de 2015, um período menor do que as de Rubim, datadas a partir de 1974. Buscando assim pistas sobre estratégias de criação e produção.

Estratégia para Geração de Documentos: Técnicas e Ferramentas

As visitas ocorreram entre novembro de 2017 e janeiro de 2018 na sede da empresa “Renata Rubim Design e Cores” em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e na loja e na sede da empresa “Goya Lopes Design Brasileiro” em Salvador, Bahia. Nesses momentos foram realizadas entrevistas semiestruturadas apoiadas pelo método da História Oral.

Segundo Alberti (2004), é um posicionamento ético e político ouvir sujeitos compartilharem suas histórias, buscando compreendê-las como diferentes registros e percepções do passado. Para Worcman e Pereira (2006), esse método de investigação científico reconstrói histórias, explicitando, selecionando, organizando e produzindo narrativas, que ao serem gravadas em áudio e transcritas obtém status de documentos.

Iniciou-se com a estratégia de construção de roteiro, utilizado como orientação para as entrevistas, deixando a estrutura flexível para que informações relevantes pudessem ser incorporadas espontaneamente durante o diálogo. Em ambas ocasiões, as interlocutoras interagiram entre as questões e começaram suas falas antes de perguntadas.

Nos roteiros estavam contidas questões relativas às vidas das



entrevistadas. Partindo de suas biografias, abordando aprendizados e vivências particulares, biografias laborais, estratégias e possibilidades na atuação como designer de superfície. As entrevistas foram realizadas pela autora nas datas e locais negociados e escolhidos pelas interlocutoras. Bem como os assuntos tratados, que foram previamente enviados e aprovados pelas designers.

Assim como Pereira (2014), entende-se que o fato das entrevistas terem ocorrido nos ambientes em que elas trabalham ou trabalham e residem, proporcionou a experiência de observação dos espaços de trabalho e de vida. Onde artefatos pessoais e produções antigas das interlocutoras interagem, inclusive com os modos pelos quais elas se inserem em seus próprios locais.

Com a autorização das interlocutoras, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra com base nos protocolos elaborados por Corrêa (2008). Os documentos das transcrições foram lidos, corrigidos e aprovados pelas entrevistadas via termo de autorização de uso de seus conteúdos para publicação em âmbito acadêmico e científico.

O cruzamento das informações obtidas durante o levantamento documental com as falas das interlocutoras sobre suas condutas foi essencial para a compreensão dos sentidos de algumas práticas. Do ponto de vista metodológico, a entrevista foi uma oportunidade de acesso a dados relevantes que não foram encontrados em investigação de fontes documentais, acesso esse somente possível se elas permitirem.

Na visita realizada à Renata Rubim foi possível compreender a localização de sua empresa, bem como a configuração da mesma. A designer contou que sua estratégia de trabalho nessa empresa conta com uma estrutura pequena, formada por ela e mais uma assistente, no máximo duas. Privilegiando parcerias com empresas diversas, sem necessidade de um espaço próprio para a produção das materialidades. A criação se dá em um escritório-cômodo, feita





em diálogo direto com a empresa parceira. Os processos tecnológicos e digitais são ferramentas muito utilizadas por ela, seja para desenhar, projetar e enviar os arquivos para produção dos artefatos, para divulgar suas novas coleções, ou comunicar cursos e workshops que ministrará.

No local da empresa estão guardados, em meio à móveis e objetos de decoração, acervos pessoais de projetos profissionais realizados nos últimos trinta anos. Rubim arquiva a maioria dos artefatos que produziu, desde alguns trabalhos da época de estudo, a roupas infantis da Hering com seus desenhos dos anos 1980 até a parede repleta de nichos com cerâmicas, têxteis, revestimentos, prêmios, publicações, entre outros.

Na visita realizada à Goya Lopes, iniciada em sua loja no Pelourinho observou-se outra dinâmica de trabalho por envolver diretamente a venda. A designer comercializa suas peças neste espaço físico e em loja online. Enquanto que as peças de Rubim são comercializadas pelas empresas parceiras.

A questão da produção é muito presente na fala de Lopes, ela evidencia que a estratégia possível para a materialização de suas estampas e seus artefatos afrobrasileiros foi ser empresária e responsável pela fabricação. Ao relembrar sua trajetória e compará-la com a de Rubim, diz perceber a quantidade de outros trabalhos que poderia ter realizado se não tivesse a demanda de produção. Sua empresa chegou a ser composta por trinta funcionários.

Na sequência da gravação da entrevista, Lopes fez o convite e levou a entrevistadora para conhecer e entender a estrutura de que falava. Um edifício de três andares, no qual as etapas de fabricação das peças eram realizadas: modelagem; corte; costura; estamparia localizada de peças pequenas; estamparia de metros de tecido; gravação, lavagem e armazenamento de telas serigráficas; embalagem; arquivamento das peças da coleção atual; catálogos com têxteis estampados antigos; rolos de papeis ilustrados manualmente;





vetorização das ilustrações; administração e sala de reuniões.

Após a entrevista, Goya Lopes enviou à entrevistadora o seu curriculum atualizado no qual constam informações sobre sua trajetória de formação e de trabalho. Na seguinte ordem: Formação Acadêmica (graduação, especializações, cursos, estágios e workshops); Atuações como Palestrante, Debatadora e Moderadora; Seminários, Congressos Encontros; Academias, Cursos e Oficinas que ministrou; Consultorias Técnicas Didáticas; Ilustrações, Figurinos e Coleções; Ambientações e Cenários; Outros; Obras e Acervo; Exposições Individuais; Exposições Coletivas; Prêmios e Homenagens; Sindicatos e Associações; Redes Empresariais; Comitês; Júris; Desfiles; Bibliografia, Artigos, Reportagens e Depoimentos.

A partir de sua permissão ao acesso a essas informações foi possível compreender de maneira mais ampla a diversidade de áreas nas quais a designer atuou e atua. A saber: criação de figurino e assistente de arte na novela de televisão “Rosa Baiana”; ilustrações para decoração infantil; capas de livros; identidades visuais; figurinos para artistas como Moraes Moreira, Gilberto Gil e Jimmy Cliff; cenários e ambientações; restauros; mosaicos; painéis e pinturas.

As estratégias utilizadas pelas designers em suas práticas têm relação com os tipos de acessos ou interdições que cada uma possui. O fato da estrutura empresarial de Rubim ser pequena, a permitiu realizar parcerias, projetar para superfícies diferentes, constituir um acervo pessoal, tornar público e divulgar sua trajetória de trabalhos de maneira mais ampla.

Enquanto a estrutura empresarial extensa da qual Lopes se responsabilizava – neste ano está mudando a abordagem, diminuindo as demandas de produção para atuar em outras áreas e com parcerias – a permitiu ter controle sobre todos os aspectos de produção de suas peças e contato direto com o consumidor em sua loja física. Porém a divulgação pública de seu acervo





pessoal – rolos de papeis com estampas desenhadas manualmente desde os anos 1980, têxteis produzidos antes de 2015 –, de suas atuações e potências plurais foi prejudicada e acontece de forma mais restrita.

Sistematização e Organização dos Dados Coletados

A sistematização é um procedimento indispensável para organizar e facilitar o acesso e uso dos dados coletados. Para ordenar as fontes das etapas documental, exploratória e de entrevistas, foram elaborados protocolos de perfil de interlocutoras, diários de campo, transcrição de entrevistas, registros de imagens e de conversas em ambiente virtual.

As fichas de perfis das interlocutoras tiveram como foco suas trajetórias profissionais, buscou-se obter fatos importantes para criação dos roteiros de entrevistas. Além de complementar o repertório da pesquisadora acerca dos conteúdos e auxiliar na construção de uma relação de confiança recíproca.

Merlo (2010) reflete sobre estudos etnográficos e dificuldades que pesquisadores com trabalho de campo geralmente têm para organizar, acessar e conservar os dados recolhidos. Com base nas reflexões de Merlo e em procedimentos de sistematização de dados do grupo de pesquisadores ao qual pertencemos, elaborou-se um protocolo de diário de campo.

Essa ferramenta auxiliou no arquivamento em ambiente digital dos relatos e informações presentes no diário de campo. Contém: data, hora e local; resumo dos tópicos; roteiro e espaços; interlocutores entrevistados; local de referência; temas relacionados e observados; conceitos e autores que podem dialogar com o texto; observações e relato.

As entrevistas foram gravadas com autorização das interlocutoras e posteriormente transcritas na íntegra no protocolo de transcrição de entrevista. As informações obtidas nos diálogos foram organizadas em turnos de fala, que se referem à fala (ou silêncio ou gestos) das participantes. A ordenação

10





numérica, auxiliou na localização de conteúdos no texto e propiciou referências para citações. Registrou-se também: dados da entrevistadora, nome completo da entrevistada, data, local, duração da entrevista, principais temas abordados e breve resumo dos conteúdos.

Nesta pesquisa considera-se, segundo Meihy (2013), que as entrevistadas possuem participação na transcrição pois o documento é enviado a elas para correção, omissão ou adição de trechos e informações que avaliem preciso. Após a conclusão dessa etapa, a transcrição literal é tida como fonte primária, na qual estão os dados que amparam a análise de dados.

O protocolo de registro de imagens se destinou à organização de imagens coletadas durante a fase empírica da pesquisa. Elas formam um banco de dados abrangente e dialogaram com o texto, dando suporte a questões e argumentos futuros. A ferramenta permitiu o arquivamento de informações detalhadas, para que as experiências presentes na memória, não se percam com o tempo e possam ser acessadas a qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa.

Esse protocolo contém: título; tipo; data; autor; localização; equipamento utilizado; distância focal; ISO; flash; descrição e contexto; tecnologias utilizadas; métodos de fabricação; sujeitos envolvidos e observações.

Em geral, as duas interlocutoras utilizam seus sites e redes sociais para comunicar novos projetos. Renata Rubim usa com maior frequência suas redes pessoais e comerciais, por meio das quais é possível acessar acontecimentos do cotidiano, como também ações e trabalhos realizados pela empresa no presente e no passado. Goya Lopes compreende a importância dessa ferramenta e está em processo de alteração de sua estratégia de trabalho, na qual atuará mais enfaticamente na comunicação virtual de seus serviços.

Pesquisadores orientados por Corrêa (2008), viram em autores da cultura material, como Miller e Slater (2000) o interesse pelo estudo de hábitos culturais





recentes, no uso da internet como uma alternativa possível para se realizar estudo etnográfico de forma virtual. Para tanto, Bergmann (2016) desenvolveu o protocolo para registro de conversas em ambiente virtual no qual o arquivamento das conversas pode ser feito desde que autorizado pelas interlocutoras.

Adaptado do autor, o protocolo contém: nome, data, autor, plataforma, temas abordados, contexto, duração da conversa, observações, localização de arquivos, espaço para registro da conversa. Este documento é eficaz pois evita deslocamentos físicos e aumenta a agilidade na coleta de dados para assuntos pontuais. Desta forma, a descrição dos procedimentos de organização e sistematização de dados é concluída.

Historiografia do Design e Artefatos produzidos por Mulheres

Em seu trabalho sobre a empresa Mobilinea e Georgia Hauner, Santos (2015) em diálogo com Rubino (2010) e Simioni (2007), discute sobre a historiografia do design moderno no Brasil. A autora explicita a existência de tipologias de artefatos consideradas dignas de registro e tipologias que não são valorizadas, e portanto, não registradas. Afirma que nos registros de design no país, o mobiliário tem produção representativa, em detrimento de outras áreas.

Somado a esse aspecto, está o fato de que o material têxtil - principal material utilizado por Georgia Hauner, como também por Goya Lopes e Renata Rubim - possui caráter efêmero e sua pouca durabilidade auxilia no escasso registro. Outras camadas dessa questão são discutidas por autoras como Perrot (1995) e Campi (2013).

Perrot (1995) afirma que há uma ausência de fontes e documentos quando se tratam das histórias das mulheres, e que essa ausência prejudica a reflexão sobre as diversas formas de vivências e existências. Campi (2013) discorre mais especificamente sobre as teorias historiográficas do design, e mostra que vários eruditos da área não escolheram o design de moda como tema



em seus estudos por acreditarem ser um tema sem valor intelectual graças a estreita conexão com as histórias das mulheres.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar meios de investigar e (re)construir práticas de trabalho de Goya Lopes e Renata Rubim. As designers se empenharam em guardar e catalogar seus projetos, registrando suas histórias sobre as práticas no design de superfície. Importa pesquisar e escrever sobre essas mulheres, a partir da escuta do que elas têm a dizer para que essas informações históricas não se percam. Posiciona-se assim contra a invisibilidade histórica à qual as mulheres foram relegadas no design.

Neste artigo, alinhou-se aos estudos da cultura material, por acreditar que os artefatos podem conter traços de quem os fez. A partir das materialidades, das oralidades das designers, e da análise de diversos tipos de documentos foi possível descrever e (re)construir partes de suas narrativas.

Os artefatos encontrados nos Acervos Online das designers contam histórias sobre como foram feitos, com quais materiais e em alguns momentos sobre processos de produção; fornecem pistas acerca do contexto sócio-cultural no qual foram criados. Entretanto, algumas conclusões prévias apenas ganharam camadas e foram desvendadas ao ter acesso aos Acervos Pessoais e às falas das designers, que contam histórias das pessoas que projetaram e fabricaram, como também das que consumiram e participaram da circulação.

Questões relacionadas à maneira como as histórias das mulheres vêm sendo escritas no design, questões raciais e de preconceito de região, questões sobre o que é considerado design ou não, e hierarquias de artefatos e de áreas do design, aparecem nas oralidades das interlocutoras. A aproximação dessas questões com a historiografia do design se mostra um novo modo de investigar como as práticas foram e são feitas, com mais camadas do que o cânone

13





considera. Ampliando as maneiras como o design é estudado e permitindo o acesso a histórias que estão por serem reconstruídas e contadas.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2a Ed. São Paulo: FGV, 2004.

BERGMANN FILHO, Juarez. **Artífices, artifícios e artefatos: narrativas e trajetórias no processo de construção da rabeça brasileira**. 2016. 238 f. (Doutorado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

CAMPI, Isabel. Teorias Historiográficas del Diseño. In: **La historia y las teorías historiográficas del diseño**. México: Editorial Desíno, 2013. p. 33-140.

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. **Narrativas sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente em Florianópolis, Santa Catarina, BR**. 2008. 305 f. Tese (Doutorado Ciências Humanas) – Programa do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. “É a vida. É a minha vida.” As circulações de significados na narrativa biográfica de Goya Lopes. In: **IX ENPECOM / VI RELAIPI / II CONSUMO SUL**. Curitiba, 2017.

FABRIS, Yasmin. **Puras Misturas: as narrativas sobre cultura popular no Pavilhão das Culturas Brasileiras em 2010**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba 2017.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. SP: Atlas, 2002.

LOPES, Goya; FALCÓN, Gustavo. **Imagens da diáspora**. Salvador: Solisluna Design Editora, 2010. 80p.: il. – (Série Traços do Encantamento).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MERLO, Márcia. **O que faço com os meus diários de campo?** Inquietações





de uma antropóloga no design e na moda. In: CAMPOS, G.B.; SILVA, J. (Org). Design, Arte, Moda e Tecnologia. São Paulo: Rosari, UAM, PUC, UNESP, 2010.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre cultura material. São Paulo: Zahar, 2013.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The Internet**: An Ethnographic Approach. London: Bloomsbury Academic Press, 2000.

MÜLLER, Caroline. **(In) vestindo histórias**: o processo de patrimonialização do acervo de indumentária do movimento tradicionalista gaúcho (MTG) de Porto Alegre – RS (2003-2015). 2016. 183p. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós Graduação em Design, UFPR, Curitiba. 2016.

PEREIRA, Rodrigo Mateus. **Construção e Design de Guitarras nos anos 1960 e 1970**: narrativas sobre trabalho e trajetórias em São Paulo – SP e Porto Alegre – RS. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: **Cadernos PAGU**. UNICAMP, No. 4, 1995.

RUBIM, Renata. **Desenhando a superfície**. São Paulo: Edições Rosari, 2004.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. 2015a. Questionamentos sobre a oposição marcada pelo gênero entre produção e consumo no design moderno brasileiro: Georgia Hauner e a empresa de móveis Mobilinea (1962-1975). **Caderno a Tempo**: Histórias em arte e design. Barbacena: EdUEMG, vol.2, 2015, p.25-45.

TESSARI, Valéria Faria dos Santos. **Fazer é pensar, pensar é fazer**: O trabalho e os artefatos na Fábrica Zeferino, Novo Hamburgo, RS. 2014. 191p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. 2014.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vásquez. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Entrevistas concedidas

Goya Lopes. Entrevista concedida. Salvador, Brasil, janeiro de 2018.

Renata Rubim. Entrevista concedida. Porto Alegre, Brasil, novembro de 2017.

